Teatralização do poder e encenação da justiça: o caso dos autos de fé

Maria Filomena Louro

Bruno Schiappa, *A dimensão teatral do Auto de Fé*, Lisboa, Edições Colibri, 2018, 247 pp.

Esta obra publicada em 2018 aborda o fenómeno do auto de fé em Portugal estabelecendo uma frutífera comparação com o processo de exposição e punição dos hereges como era desenvolvido pelo Santo Ofício, como processo e recursos do fenómeno teatral. Esta contraposição dos dois elementos culturais suscita uma viva interação de conceitos que ajudam a perceber os mecanismos de representação do poder, regular ou secular. Ver a punição e validação do primado da autoridade religiosa na regulação social em Portugal durante a vigência do Tribunal do Santo Ofício como um fenómeno teatral faz-nos perceber de que modo a teatralização do poder é um instrumento recorrente e acessível aos titulares do poder ao mais alto nível.

Tendo sido originalmente um exercício académico para concluir a obtenção do grau de doutor, o formato do texto aqui publicado nesta edição guarda os traços desse trabalho moroso de pesquisa em várias fontes, algumas de difícil acesso. A publicação deste estudo teria beneficiado tanto na forma como no conteúdo, se tivesse sido depurada dessas marcas de documento académico e adaptado ao formato de um estudo publicado para divulgação e leitura dos amantes e estudiosos do teatro, e não só para o restrito júri de provas.

A vasta pesquisa realizada tanto na Torre do Tombo em Lisboa como na Biblioteca do Vaticano recolhe dados muito relevantes sobre os métodos usados em todo o processo. Esta investigação profunda é ancorada numa bem organizada bibliografia que está dividida por áreas de saber, destacando, a Inquisição Autos de Fé, Teatro Teatralidade e Poder, Filosofia, Sociologia e Antropologia, Iconografia.

Nesta leitura, Schiappa procura provar que o braço religioso deste sistema censório e punitivo está intimamente ligado à coroa, organizando-se o corpo dos censores por um estatuto, distinguindo os

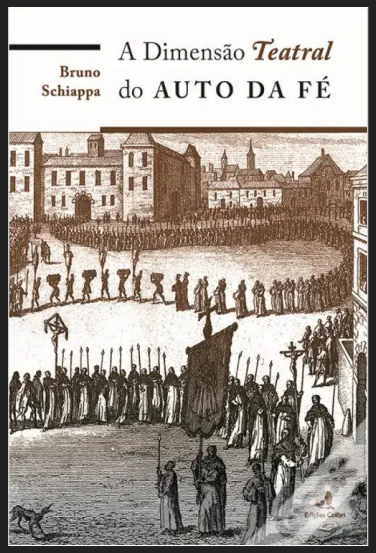

Fig. 1 - Capa do livro *A Dimensão Teatral do Auto de Fé*

inquisidores e a sua cadeia hierárquica e identificando o rei por extensão como o censor máximo acima do censor geral. Há toda uma escala de inquiridos e inquisidores que se encontram frente a frente nestes palcos de tribunal, penitência e tortura.

A discussão sobre a teatralização do poder é já bem estudada por Jonathan G Dollimore, Alan Sinnfield e Stephen Greenblatt em obras como *Political Shakespeare: Essays in Cultural Materialism* Seguindo a formulação de Raymond Williams, o materialismo cultural reivindica que a análise de qualquer material histórico dentro de um aparelho crítico politizado pode revelar de uma forma radical e subversiva significados novos para textos canónicos e outros menos conhecidos, olhando para aspetos históricos que foram descartados ou silenciados noutras narrativas da história e fazendo a leitura de textos teatrais através de uma abordagem teórica eclética.

Estes autores, observando a Inglaterra isabelina onde reina uma jovem soberana de uma nova dinastia professando uma nova religião, encontram um claro e pertinente paralelo na teatralização do poder e do exercício desse mesmo poder como instrumento de validação da soberana e de reforçar a sua ainda frágil hegemonia. Aqui vemos profusamente documentada e criticamente argumentada a apropriação do teatral como estratégia de representar o poder, fora do âmbito justicialista do Santo Ofício, identificando aí uma dimensão teatral à encenação do poder por parte da soberana anglicana.

Schiappa, não invocando esta filiação crítica teórica, segue esta prática de contrapor fenómenos e práticas sociais, para nessa contraposição revelar os métodos e significados que de outra maneira não seriam percetíveis.

Os autos no Terreiro do Paço, as procissões dos penitentes são descritos nos seus pormenores cénicos e coreográficos, no capítulo 1, "A Inquisição e a sua cerimónia mor".

Este estudo feito com paixão pelo teatro traz um foco interpretativo sobre os processos do poder que elucidam a extensão do fenómeno repressivo e censório do braço da igreja, que transforma oficiais civis, religiosos, público, penitentes e supliciados em participantes, intervenientes deste espetáculo macabro.

A extensa pesquisa realizada e informação recolhida de tão reputado acervo, agora divulgada, dará azo e encorajamento para que mais investigadores procurem ter acesso a estas fontes para conduzir investigação que aborde estes materiais de pontos de vista e abordagens críticas diversas, tanto estéticas como sociológicas.